

# RAFAEL BARRETT: UM ANARQUISTA NO CORAÇÃO DA AMÉRICA DO SUL

## RAFAEL BARRETT: UN ANARCHISTE DANS LE COEUR DE LA AMÉRIQUE DU SUD

Fábio Luiz de Arruda HERRIG<sup>1\*</sup>

**RESUMO:** Este texto tem três eixos principais, circunscritos à figura de Rafael Barrett: i) a pessoa, ou seja, quem foi ele; ii) a obra, referente ao que produziu em vida; iii) a postura política, cuja demanda específica, relaciona-se ao posicionamento dele perante a sociedade platina na primeira década do século XX. A análise que se pretende fazer não é, em absoluto, profunda, mas pretende apontar para um campo em aberto, visto que, na América Latina, foi um autor que, após sua morte foi, pouco a pouco, sendo obliterado do panorama intelectual.

**Palavras-chave:** Rafael Barrett; América do Sul; Anarquismo.

**RÉSUMÉ :** Cette article a trois axe principal, limité a la figure de Rafael Barrett : i) la persone, qui il était ; ii) l'oeuvre, referente à le qu'il produit dans sa vie ; iii) La posture politique, dont la demande spécifique, il se rapporte à son poste parante société platine dans la première décennie du XXe siècle. L'analyse est destiné pas du tuot profonde, mais tiens à souligner un champ ouvert, parce que en Amérique latine, il était un auteur qui, après sa mort a été, peu à peu, étant effacé le paysage intellectuel.

**Mots Clés :** Rafael Barrett ; Amérique du Sud ; Anarchisme.

As transformações desencadeadas pelas revoluções dos séculos XVIII e XIX possibilitaram um grande avanço da técnica de produção humana: de motores de combustão à eletricidade, da produção em série à publicidade. Juntamente com esses avanços, as mudanças das estruturas sociais parecem ter sido um ponto emblemático nos finais do século XIX e início do século XX. Para constatar isso, basta observar a produção de Marx, Weber e Durkheim, que se dedicaram a estudar os problemas de uma sociedade que parecia ter perdido suas referências, onde o capital passava a ser a palavra de ordem.

Entre os vários adeptos, especificamente a classe burguesa, surgiram opositores. Além dos próprios trabalhadores que lutavam por melhores condições de vida e trabalho<sup>1</sup>, vários intelectuais assumiram a luta em prol da igualdade: Marx, com o socialismo/comunismo; Proudhon e Bakunin, com o anarquismo. O fato é que várias pessoas se engajaram em posições político/ideológicas no sentido de melhorar as condições de vida da humanidade. É neste ponto que este trabalho se justifica, na

---

<sup>1</sup> Doutorando em História - Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Bolsista CAPES/Demanda Social. Professor de Literatura e Artes no Centro Educacional Luiz Quareli. É integrante da Linha de Pesquisa Fronteira, Identidades e Representações. E-mail: karaiarruda@gmail.com

medida em que pretende apresentar as posições e os trabalhos de um intelectual<sup>2</sup>espanhol que migrou para o coração da América do Sul no início do século XX e foi fervoroso defensor do anarquismo: Rafael Barrett.

Como Barrett não é um autor muito conhecido no Brasil<sup>3</sup>, este texto tem como meta fazer uma apresentação dele, de sua obra e de sua relação com o anarquismo no sentido de apresentá-lo e evidenciar sua importância para o século XX e para a história da América Latina, enquanto defensor da igualdade social. Segundo Scott MacDonald Frame, da Universidade de Salford, Barrett: “fue venerado y temido por sus contemporáneos debido a su abierta crítica al poder institucional y al abuso de los derechos humanos a finales del siglo pasado” (FRAME, 1996, p. 103).

### *Rafael Barrett*

Rafael Barrett, segundo as informações biográficas, nasceu em 1876, em Torrelavega, na Espanha, filho de mãe espanhola e pai britânico. Aos 26 anos de idade, devido um desentendimento com um advogado em Madri<sup>4</sup>, se mudou para Buenos Aires, decidido a começar uma nova vida. É essa nova fase de sua vida que interessa a este trabalho, visto que é a partir desta mudança que Barrett inicia a parte mais significativa de seus escritos. Segundo Sánchez-Cabezudo, o grosso de sua produção está circunscrito em sete anos, de 1904 a 1910, quando morreu em Arcachon, na França, em 17 de dezembro de 1910<sup>5</sup>.

Até 1902, período em que viveu na Espanha, sua produção foi bastante rarefeita, resumindo-se a três textos: “El postulado de Euclides”, “Sobre el espesor y la rigidez de la corteza terrestre” e “Yo y un tribunal de honor” dirigida ao diário *El País*, devido aos incidentes com o duque de Arión<sup>6</sup>.

Apesar de ter nascido na Espanha, a família de Barrett se estendia além dos limites do país ibérico, indo à Inglaterra, país de origem do pai, e à França. Desta forma, tinha fluente relação com estes idiomas. Teve uma boa formação na infância. Segundo Frame, o fato de ser pequeno, magro e doentio, lhe converteu em estudante exemplar. Passado o período da adolescência, ingressou na *Escuela de Ingeniería de Madrid*(FRAME, 1996, p. 105).

Este período foi muito importante para seu amadurecimento intelectual. Como na infância não teve muito contato com o mundo, devido sua frágil condição e a proteção da família, teve em sua formação universitária a possibilidade de conhecer um mundo além de seu estrato social, o aristocrático. Entrou em contato com outras

camadas da sociedade e com um grupo de intelectuais e artistas, que lhe estimulavam a escrita.

A morte de seu pai, em 1896, teve um efeito muito mais terapêutico do que traumático para o escritor, dadas as tensões entre ambos. Contudo, a morte de sua mãe, em 1900, foi-lhe dolorosa:

El comienzo del siglo transformó al joven idealista en un realista amargo. Su visión del mundo, estimulada por el foco de vida bohemia madrileña, y el sentimiento de culpa por haber abandonado a su madre después de la muerte de su padre años antes, cambiaron su vida de forma radical (FRAME, 1996, p. 106).

Três anos após a morte de sua mãe, Barrett se desentendeu com o duque de Arión e partiu rumo à América do Sul. Morando em Buenos Aires inicialmente, passou a contribuir com alguns periódicos, como *El Correo Español*, *El Tiempo*; e algumas revistas: *Idease Cara y Caretas*. Contudo, vale observar que, malgrado Barrett escrever para estes veículos, sua profissão ainda era a de engenheiro, de forma que logo que chegou a Buenos Aires, fundou *La Sociedad Matemática Argentina*, juntamente com um colega, Julio Rey Pastor.

Da mesma forma, quando foi para a Assunção, capital do Paraguai, em 1904, se dedicou à profissão de agrimensor, após participar da invasão dessa cidade em dezembro do mesmo ano<sup>7</sup>. Mas, pouco a pouco, Barrett passou a colocar o ofício de escritor em primeiro lugar. Após participar da Revolução liberal, de 1904, e estabelecer moradia em Assunção, conheceu Francisca Lopes Maiz, com quem se casou em 1906.

Segundo, Sánchez-Cabezudo:

A partir de 1906 sus escritos van adquiriendo un tono cada vez más crítico, más comprometido en la denuncia de las injusticias sociales, hasta identificarse explícitamente con el anarquismo en 1908. Da conferencias para los obreros y crea la revista *Germinal*, órgano de denuncia y de expresión para las organizaciones gremiales. Su lucha le lleva a ser encarcelado y desterrado, primero al Matto Grosso, luego a Montevideo donde conecta enseguida con la vanguardia intelectual: Rodó, Vaz Ferreira, Zum Felde, etc (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 2005, s/p).

Vale observar ainda, que na visão de Sánchez-Cabezudo, Barrett incorpora elementos do Romantismo: “Vivían, no obstante, con la conciencia ególatra de un nuevo individualismo romántico que les hacía sentirse estrellas protagónicas de su propio naufragio. Se contemplaban sufridos artífices de una renacida edad heroica” (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1998, p. 17).

## *A obra de Barrett*

A princípio, a obra de Barrett pode ser dividida em três. Sem querer determinar uma hierarquia, é possível dizer que, primeiramente, se relaciona ao campo social, marcado por seu caráter engajado onde convoca à mudança. Parte de uma dimensão crítica, marcada nos jornais da época e convoca à prática, como pode ser muito bem observado em seus textos sobre a importância da greve, *La Huelga* (BARRETT, 2010a, p. 52-3; 329-330) ou a denúncia da exploração desumana dos trabalhadores ervateiros no Paraguai, *Lo que son los yerbales* (BARRETT, 2010a, p. 311-329), assim como uma vasta demanda de textos que compartilhem da mesma linha.

Em segundo, se destacam textos de caráter literário, que apesar de não deixarem de lado o âmbito social, dedicam uma atenção mais acentuada ao campo estético e, conseqüentemente, ético. Alguns textos que podem exemplificar isso são *La muñeca* (BARRETT, 2010a, p. 143-145), incluso em *Moralidades actuales*; ou sua longa série de *epifonemas*, trinta e cinco, para ser mais exato (BARRETT, 2010b, p. 379-444), não sendo esses exemplos os únicos.

Em terceiro e último lugar, é possível observar um corte filosófico em sua obra. Isso pode ser observado tanto no âmbito de uma dimensão existencial, na qual o autor dedica significativa atenção ao ser no mundo, assim como em suas prospecções sobre o futuro. Neste ponto, não será exposto um texto em específico, como exemplo, porque essa é uma esfera que perpassa toda a sua obra, de forma explícita, mas também de forma subliminar, como será demonstrado adiante.

- *O social*

Vitimado pela tuberculose com apenas 34 anos, a obra de Barrett não foi vasta. Entretanto, parece ter sido significativa para evidenciar conflitos sociais da época. Sua obra passou a ser retomada a partir da década de 1960, principalmente por três autores: François Chartrain, em sua obra *L'Eglise et les parties dans la vie politique du Paraguay depuis l'indépendance*, de 1968; Luis Granjel, com *Maestro y amigos de la generación del 98*, de 1981; e Francisco Corral Sánchez-Cabezudo, com *Vida y pensamiento de Rafael Barrett*, de 1991. Sánchez-Cabezudo também foi responsável por organizar os textos de Barrett na forma de livro e publicá-los como obra completa, em 2010, pela Tantin ediciones.

No Brasil, o mais perto que foi possível chegar da obra de Barrett, foi um excerto que pode ser encontrado no início da obra *Selva trágica*, de Hernâni Donato, que visa representar a brutalidade do trabalho nos ervais do antigo sul de Mato Grosso, assim como nos ervais do Paraguai. E, também, em uma tese de doutorado em história, de 2006, escrita por José Carlos de Souza, sobre o governo do partido liberal no Paraguai (1904-1936), onde dedica cerca treze páginas à questão do partido liberal e a questão operária<sup>8</sup> e na qual Barrett tem presença marcante.

Situando a posição intelectual de Barrett, Sánchez-Cabezudo, entende que ele faz parte da *juventud del 98*<sup>9</sup>, não associado, necessariamente à *Generación de 98*, mas à atmosfera inquieta que circundava os jovens do fim do século XIX em Madrid. As ideias do modernismo, enquanto “voluntad de expandir el concepto de realidad más allá del estrecho límite del ‘hecho positivo’ y de abrir la idea de naturaleza humana hacia lo fantástico, lo misterioso, lo enigmático, lo irracional..., por medio, principalmente, de la expresión artística” (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1998, p. 21); e as ideias do regeneracionismo<sup>10</sup>, enquanto uma busca de solução para os males advindos de uma degeneração nacional profunda pela qual passava a Espanha em fins do século XIX.

A preocupação de Barrett com o povo, o seu interesse em denunciar as mazelas de uma população abandonada e submissa às condições impostas às suas vidas, tem sua raiz no regeneracionismo espanhol, pois é partir da ideia de uma nação doente que os regeneracionistas produziam suas críticas à sociedade espanhola.

Mesmo afastado de sua terra natal, Barrett continua marcado pelas inquietações que vivenciou na Espanha na década de 1890. Um exemplo dessa influência do regeneracionismo pode ser destacado quando escreve, a respeito do Paraguai: “Niños enfermos, que el vicio, hembra o alcohol, consuela un instante en la noche siniestra en que habéis naufragado, ¿quién se apiadará de vosotros? ¡Dios mío! ¡Tan desdichados que ni siquiera se espantan de su propia agonía!” (BARRETT, 2010a, p. 315).

Em sua escrita, é possível notar dois momentos: o primeiro, já na América, voltado para os problemas da Espanha: “España está presente donde haya un corazón sincero que la ame. No porque la distancia y los años nos aparten habitamos menos en ella do que cuando jugábamos de chicos a la sombra feliz de sus árboles” (BARRETT, 2010a, p. 596); e o segundo, marcado pelo interesse na América e no ser humano, como ficará evidente mais adiante. Superada a nostalgia da terra natal, tornou-se claro que o interesse de Barrett não tinha uma coloração nacionalista, fechado na Espanha, mas que incorporava a índole do universal, do humanitário e do ecológico. Torna-se claro, portanto, que as inquietações modernistas e revolucionárias da Europa foram o adubo

para a escrita de Barrett, isso o motivou a escrever sobre o povoparaguaio: “(...) vemos reflejado el profundo amor que sentía hacia el pueblo paraguayo; ese amor, esa preocupación por la gente del pueblo, es una constante plenamente noventayochista” (VÁZQUEZ *apud* SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1998, p. 22); assim como sobre a humanidadeem geral, com sua crítica aoprogresso técnico e suaesperança no futuro.

O primeiro artigo de Barrett em Buenos Aires, *Miserias*, foi publicado em *El Correo Español*, em novembro de 1903(BARRETT, 2010a, p. 590-591).Em abril de 1904, publicou, no mesmo periódico, *Los prudentes y la Liga Republicana*, contra a monarquia (BARRETT, 2010a, p. 606-608) e iniciou contribuições ao periódico *El Tiempo*, também de Buenos Aires, com o texto *Exposición de Arango*. Nesse mesmo ano, passou a colaborar com o semanário*Caras y Caretas*, onde a primeira análise versou sobre os mendigos de Buenos Aires, já de cunho social, e distribuídos em duas publicações: *Buenos Aires* e *Los mendigos de Buenos Aires*.

Ainda em 1904, enviado por *El Tiempo*, cobriu a Revolução de 1904, no Paraguai. Simpatizando-se com a causa liberal, decidiu pegar em armas e lutar ao lado dos revolucionários: “Tomé un fusil; estábamos en guerra, esperando el ataque de un instante a otro. No me arrepiento ciertamente de haber simpatizado con la causa liberal, pero me felicito más aún de no haberme visto obligado a disparar un solo tiro” (BARRETT, 2010b, p.649).

Já no Paraguai, o primeiro artigo de Barrett que se tornou conhecido foi *La Verdadera Política*, publicado em 26 de janeiro de 1905, após a vitória dos revolucionários em dezembro de 1904, em *El Diario*. Ainda nesse país, seus escritos começam a tomar um tom cada vez mais crítico, no que se relaciona às causas sociais, e no ano de 1906 é possível, identificar a gênese de seu anarquismo, momento em que se pode identificar a segunda fase de seus escritos (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1991, p. 213). Nesse período, passa a dar palestra para trabalhadores e cria a revista *Germinal*“órgano de denuncia y de expresión para las organizaciones gremiales” (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 2005, s/p).

Agitando e incomodando as autoridades paraguaias e os setores capitalistas da sociedade, foi preso e expulso do Paraguai<sup>11</sup>. Passou um período no Brasil, na região do atual estado de Mato Grosso do Sul e logo mudou-se para Montevidéu, no Uruguai, onde passou a ter contato com vários intelectuais, como: Rodó, Vaz Ferreira, Zum Felde.

A obra de Barrett, cujo principal título foi *El dolor paraguayo*, foi muito conhecida e respeitada na época. Entre os intelectuais que comentaram sua obra em vida

e postumamente, pode-se citar Augusto Roa Bastos, no prólogo à obra acima citada, de 1978; o uruguaio José Enrique Rondó, com quem conviveu; e uma das grandes figuras da literatura latino-americana, José Luis Borges, que considerou Barrett como um espírito livre e audaz (VACCARO *apud* SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1998, p. 20).

*Lo que son los yerbales*, primeiramente publicado em partes, em *El Diálogo*, entre os dias 15 e 27 de junho de 1908, onde o autor deliberava sobre o regime de trabalho nos ervais paraguaios, parece ser um marco em sua produção, na medida em que se evidencia uma acentuada crítica<sup>12</sup> às condições de vida no Estado paraguaio, como é possível notar:

Es preciso que sepa el mundo de una vez lo que pasa en los yerbales. Es preciso que cuando se quiera citar un ejemplo moderno de todo lo que puede concebir y ejecutar la codicia humana, no se hable solamente del Congo<sup>13</sup>, sino del Paraguay. El Paraguay se despuebla; se le castra y se le extermina en las 7 u 8.000 leguas entregadas a la Compañía Industrial Paraguaya, a la Matte Larangeira y a los arrendatarios y propietarios de los latifundios del Alto Paraná. La explotación de la yerba-mate descansa en la esclavitud, el tormento y el asesinato (BARRETT, 2010a, p. 312).

O trecho apresentado, que abre o texto sobre a relação entre a escravidão e o Estado paraguaio, demonstra, não apenas, o tom agressivo dos escritos, mas o caráter social e político de Barrett. Ao fim de seu artigo, o autor faz questão de tornar evidente seu objetivo de denúncia, assim como sua esperança em um futuro melhor: “Yo acuso de expoliadores, atormentadores de esclavos, y homicidas a los administradores de la Industria Paraguaya e de las demás empresas yerbales. Yo maldigo su dinero manchado de sangre” (BARRETT, 2010a, p. 328).

A acidez de seu discurso aparece em vários momentos de seu texto, não é apenas uma denúncia, critica com voracidade as práticas desonrosas realizadas pelo Estado paraguaio no início do século XX, o descaso com que tratam a violência e a facilidade com que sem vendem os representantes do Estado, como é o caso da polícia e dos juízes: “¿A qué mencionar los grillos y el cepo? Son clásicos en el Paraguay, y no sé por qué no constituyen el emblema de la justicia, en vez de la inepta matrona de la espada de cartón y de la balanza falsa” e ainda:

Cundo en plena capital la policía tortura a los presos por ‘amor al arte’, ¿creéis posible que no se torture al esclavo en la selva, donde no hay otro testigo que la naturaleza idiota, y donde las autoridades nacionales ofician de verdugo, puestas como están al servicio de la codicia más vil y más desenfrenada?” (BARRETT, 2010a, 323-4).

Malgrado haver sido dividido em três campos, é notório que o social perpassa todos os âmbitos da obra de Barrett, desde o periodismo, voltado à crítica social, quanto à literatura, que aborda temáticas sociais, quanto o campo filosófico, que se produz na medida em que almeja uma sociedade justa, refletindo acerca da existência e da ação humana. Assim, segue a apresentação sobre a literatura barrettiana.

- *O campo literário*

Barrett entende a arte como excesso de energia, como se o processo de criação artística fosse uma energia que está para além do necessário e que não tendo por onde se libertar toma a arte como válvula de escape (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1991, p. 365). Essa demanda de excesso deve ter, para ele, um fundo prático, ético, que provoque, que questione e, conseqüentemente, revolucione. Nega a “arte pela arte” e a “torre de marfim”:

(...) desarrolla su posición en contra de los artistas e intelectuales que se aíslan y desentienden de la situación de su mundo para dedicarse a una labor de creación o de contemplación autosatisfactoria y autosuficiente que encuentra inicio y término en si misma (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1991, p. 368).

É nessa medida em que o social permeia a obra de Barrett para além da esfera crítica dos jornais. Três textos representam bem a postura de Barrett em relação à arte e à literatura, pois: “Los puntos de vista de Barrett acerca de la literatura se inscriben en su concepción general del arte” (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1991, p. 369): *De Estética, Exposición de Arango e La Verborrea*.

Contudo, é importante observar dois âmbitos da produção literária barrettiana: a primeira associada à dimensão teórica, diretamente ligada aos três textos citados acima; e a dimensão propriamente literária, no sentido da produção textual, da experiência estética, na qual dois exemplos podem ser citados: *La muñecae Los domingos de noche*.

No âmbito teórico, é interessante notar que parece haver, à primeira vista, uma divergência nos postulados: por um lado critica o realismo da arte, como se pode ver em sua ácida postura sobre a exposição de Arango: “(...) es un pintor lacónico, pero su laconismo no condensa nada. Cuando le preguntan a Romeo la estatura de Julieta, contesta: ‘Me llega al corazón’. Arango hubiera contestado con laconismo igual: ‘un metro sesenta’” (BARRETT, 2010b, p. 229). Nesta medida, o realismo não é considerado arte, pois Arango “ha olvidado en la paleta una cosa, el arte” (BARRETT, 2010b, p. 228).

Ainda nessa linha, Barrett acentua o caráter metafórico da linguagem<sup>14</sup>, defendendo que a configuração da arte literária se dá pelo entrelaçamento entre a linguagem e a estética, essencialmente em termos da recepção, e, assim, afirma:

El marcarcome y reedifica las costas. Igual nuestro río de emociones reacciona sobre las dos orillas de la idea y de la sensación. El genio emotivo de los pueblos ha destruido y rehecho cien veces las ideas religiosas filosóficas y sociales, y altera constantemente la lengua. Por tal motivo se crean sin cesar sinónimos; se eligen los unos, dándoles juventud y alma brillante, y adorna caprichosamente la gramática. Bajo una locución vulgar suele ocultarse una metáfora, una vibración elegante petrificada en el pequeño bloque que manejamos distraídos (BARRETT, 2010b, p. 487).

Por outro lado, defende que a arte, e assim a literatura, têm sentido apenas quando referem-se a uma demanda do social. Refletindo sobre o belo, afirma:

El niño sonríe por vez primera un día en que ha mamado bien y no le duele nada. Crecerá y luchara. Las condiciones de la lucha le acercarán a lo bello si son benignas; le mantendrán en la ignorancia y en la ineptitud se le son crueles. La anemia, el hambre y el miedo son incompatibles con la belleza. Igual cosa ocurre con la sociedades (BARRETT, 2010b, 476).

Assim, parece haver uma contradição: A literatura deve ou não ter uma relação direta com a realidade, e neste sentido, com a sociedade? Talvez esse seja o momento apenas de estabelecer o problema, visto que para um posicionamento, ainda é necessário um estudo mais aprofundado da obra barrettiana.

A segunda tipologia encontrada em Barrett, referente aos textos literários, demonstram que há um alinhavo com a dimensão social, pois que refletem as perplexidades e as contradições de uma sociedade capitalista, de caráter hierárquico, ou seja, reflete as complexidades de uma sociedade desigual. Isso fica muito bem exposto no texto *La muñeca*, que conta a história de uma pequena princesa, Yolanda, que diante da abastada festa natalina do castelo, decide pensar nos pobres e dar sua boneca a “una niña sin rentas” (BARRETT, 2010a, p. 143). Faz todos os preparativos: “creo oportuno que Zas Candil, nuestro fiel gentilhomme, vaya enseguida a las agencias telegráficas para que mañana se conozca mi piedad sobre el haz del mundo” (BARRETT, 2010a, p. 143).

No outro dia, definindo-se a quem seria dado o presente, se dirigiram ao destino, que se reduzi a “una pieza sórdida”. No interior do casebre, “una mujer cosía; un hombre fumaba; metida dentro de un lecho sucio, una niña pálida movía los dedos en la sombra” (BARRETT, 2010a, p. 143). Yolanda se apresenta e oferece seu presente:

Los ojos de Yolanda se acostumbran a la oscuridad y ven con asombro, sobre el lecho sucio, otras muñecas iguales a suya, cuatro, seis, unas sin cabeza, otras sin miembros, una completa pero desnuda, otras a medio vestir... el hilo, la aguja, la tela por cortar, los dedos que se movían (BARRETT, 2010a, p. 145).

Tendo, Yolanda, se dado conta deste cenário, o homem que fumava lhe explicou: “Su muñeca, señorita princesa, es de las que trabaja mi nena. (...) La fábrica entrega la pasta ya pintada y lista y aquí se rellana y se cose” (BARRETT, 2010a, p. 145). Mesmo assim, não rejeitam o presente: “deje, deje, la muñeca siempre no servirá. La volveremos llevar a la fábrica” (BARRETT, 2010a, p. 145). Assim, se encerra o pequeno conto que busca refletir sobre a dimensão da hierarquia e da desigualdade social fazendo eco a sua proposição poética, exposta acima.

O caráter social, entretanto, não está presente em todos os seus textos. Em *Los domingos de noche*, Barrett demonstra certo humor em sua escrita. O texto inicia despretensiosamente em um encontro noturno, no qual os presentes convidam o senhor Martínez a contar-lhes alguma proeza amorosa, ao que responde: “Les contaré mi primera aventura” (BARRETT, 2010a, p. 359).

O senhor Martínez inicia sua história apresentando como se dividia suas finanças e suas atividades mês a mês, sendo que metade do valor dessas finanças era “consagrado al amor”. A partir daí começa a narrar uma aventura que se sucedeu:

Devoraba con delicia, por extraño que les parezca, folletines de Escrich, y novelones de Dumas y Sué y soñaba con raptos y escalamientos, desafíos a la luz de la luna y frases generosas. Una madrugada, en lugar de acostarme después de la sesión del ‘Levante’ donde nos reuníamos, me dio por vagar solo, a semejanza de Don Quijote, buscando doncellas que desencantar a lo largo de las calles solitarias (BARRETT, 2010a, p. 360).

Passado um tempo, cruza uma mulher por Martínez, a qual, de pronto, ele se põe a seguir e a tentar “desencantarla”. Não obtém resposta de imediato, mas insiste, até que a mulher se virou e lhe indagou: “quieres venir conmigo, ¿verdad?” (BARRETT, 2010a, p. 360), ao que Martínez respondeu de forma positiva e, assim sendo, passou a segui-la. Passaram por vários pontos da cidade e nesse trajeto o protagonista relatava sentir “miedo y orgullo”, até que chegaram a uma grande porta, a qual foi aberta pela mulher misteriosa. Subiram uma escada. Chegaram a outra porta, cerca de quatro andares acima, a qual foi aberta. Antes de entrar, Martínez relatou que a mulher lhe perguntou se tinha fósforo, visto

que o ambiente estava escuro. Respondeu que sim. “Entra y enciende” lhe ordenou a desconhecida:

Entré. Pero apenas lo hago cierra la puerta, da dos vueltas a la llave y me deja solo allí dentro. (...) Estupefacto, oigo que baja rápidamente las escaleras, que cierra también la puerta de la calle y que huye, sí, ¡huye como una condenada! (...) Aturdido, enciendo un fósforo. (...) Entre un catre viejo y una mesa desastillada, con los ojos abiertos de par en par u la mandíbula caída, enseñando el agujero negro de la boca, estaba tendido el cadáver de un hombre, encharcado de sangre. (...) fue tal mi horror que no grité. Me quedé como una estatua y el fósforo se me apagó entre los dedos (BARRETT, 2010a, p. 361).

Martínez conta aos ouvintes que deu um jeito de fugir do local por um claraboia, considerando, então, a rua como um paraíso. Os presentes, aparentemente aturdidos, lhe questionaram sobre a mulher e sobre o fato de haver feito ou não a denúncia do crime. Mas, Martínez, satisfeito com sua narrativa, respondeu: “!Dios me libre! Jamás me he metido en esas cosas; y desde aquella noche no he vuelto a leer una novela” (BARRETT, 2010a, p. 361).

É perceptível que Barrett goza de certo senso de humor, mas é necessário reconhecer que o grosso de sua produção está ainda envolto na questão social, mesmo no que tange à literatura.

- *campo filosófico*

Quando se delimita o campo filosófico da obra de Barrett, poder-se-ia iniciar fazendo referência aos grandes precursores da filosofia, como Platão e Aristóteles. Entretanto, seria de certa forma imprudente se se levar em consideração o apego à desnaturalização ou desessencialização provocada pela filosofia nietzschiana. O prudente em um trabalho como este é considerar que ele tem um caráter expositivo e que a obra de Barrett ainda necessita de muito estudo para se delimitar uma posição clara sobre a sua filosofia, mesmo que ela possa ser contraditória. Fato é que é possível perceber um caráter natural que pode remeter à filosofia grega, mas, concomitantemente, é possível perceber uma forte influência nietzschiana. Mas, como o foco deste texto visa expor o caráter anarquista de Barrett, o centro de sua filosofia, será abordado em termos de sua projeção para o futuro.

Para Sánchez-Cabezudo, Barrett apresenta uma visão negativa a respeito do progresso, em evidência no período em apresentação, e positiva a respeito do futuro. Apesar de parecer paradoxal, o que ele explica é que:

(...) la fe en el futuro es una idea más amplia y abarcante que la fe en el progreso. (...) De hecho, Barrett manifiesta una confianza plena en el futuro a la vez que expresa muy firmes críticas a la idea de progreso. Un progreso que considera ha sido elevado a la categoría de un auténtico Dios por la mentalidad moderna (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1998, p. 28).

Sánchez-Cabezudo explica que para Barrett, o progresso é entendido, tão somente, como progresso técnico e não como progresso humano, de forma que se for associado às críticas tecidas acima ao Estado paraguaio e à condição dos trabalhadores nos ervais, compreende-se claramente o que ele quis dizer ao escrever no fim de seu artigo *Lo que son los yerbales paraguayos*: “Y yo les anuncio que no deshonrarán [a indústria ervateira] mucho tempo más este desgraciado país” (BARRETT, 2010a, p. 328).

Malgrado a fé no futuro, Sánchez-Cabezudo alerta para o fato de que o futuro que Barrett constrói é um futuro utópico. O passado e o presente são entendidos como etapas bárbaras da condição humana, que caminham para um futuro que será bom, “Así gentes pasadas ignoraron que al hacer la guerra fundaban la paz, que al destruir cimentaban, y que con sangre fecundaban el mundo” (BARRETT, 2010a, p. 59). O ápice do caráter utópico dos escritos barrettianos está quando ele diz:

(...) lo que propongo es impracticable, y no lo propondría se no lo fuese. Estoy convencido de que es lo inaccesible lo que debe guiarnos. Son las estrellas, ya difuntas acaso, las que guían al hombre sobre el mar. Es el ideal, absurdo si queréis - ¡Qué importa! – lo único que puede guiarnos en la vida (BARRETT, 2010b, p. 141).

A postura assumida por Barrett, nos últimos anos de sua vida, o levou a se aproximar do anarquismo, identificando-se explicitamente com a corrente. Sobre isso, dois pontos são interessantes em seu pensamento: o abandono da lei; e a educação como guia. Para Barrett o anarquismo não deve ser visto como caos, mas como “ausencia de gobierno”, para ele basta o sentido etimológico (BARRETT, 2010a, p. 801), mas o completa em outro texto: “Anarquista es el que cree posible vivir sin el principio de autoridad” (BARRETT, 2010a, p. 178).

Neste sentido, a lei limita a liberdade e, conseqüentemente o futuro: “Es el obstáculo a todo progreso real. Es una noción que es preciso abolir” (BARRETT, 2010a, p. 801). As leis, para Barrett são filhas de uma minoria que se acerca do poder e da violência em prol da satisfação de suas ambições e de suas crueldades (BARRETT, 2010a, p. 801/2). A abolição das leis é o único caminho para um futuro melhor, mesmo

que esse futuro não seja conhecido: “¿Qué importa las formas futuras? La realidad las revelará. Estemos ciertos de que serán bellas y nobles, como las del árbol libre” (BARRETT, 2010a, p. 802).

O segundo elemento a ser consideração como meio para a implantação do anarquismo é a educação. Somente ela poderá guiar o caminho da sociedade para um futuro feliz, bom<sup>15</sup>: “¿Qué hacer? Educarnos y educar” (BARRETT, 2010a, p. 803). Assim, estabelecendo-se a abolição das leis, em conjunto com a educação, se chegará a uma sociedade melhor: “¿Que nuestro niños examinen la ley y la desprecien” (BARRETT, 2010a, p. 803). Para Barrett, “El anarquismo es una teoría filosófica” (BARRETT, 2010a, p. 177).

Antes de encerrar essa sessão, é necessário colocar em questão o que Barrett entende por filosofia, haja vista que foi proposta uma linha que perpassa o social, o literário e o filosófico. Sobre isso, Sánchez-Cabezudo diz que: “La actividad intelectual de Rafael Barrett anda siempre a medio camino entre la filosofía y la literatura; rasgo muy común, por otra parte, entre sus contemporáneos” (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1991, p. 231).

Mas, em relação ao campo que toca propriamente a filosofia, Barrett entende que: “La presencia radical de la duda, de la pregunta sobre la realidad hasta su esencia primaria, hasta las cuestiones últimas del ser y de la existencia, ha sido siempre el punto de partida de todo pensamiento filosófico” (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1991, p. 231).

De forma resumida, é possível perceber que há uma inquietude no espírito de Barrett que faz com que ele perceba a insubordinação da mudança para a dimensão da existência na medida em que estabelece, como apresentado acima, um futuro inalcançável e impraticável. A aporia desta condição se coloca na medida em que ele retoma a máxima de Heráclito, segundo a qual não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio. Assim, mesmo que o anarquismo, proposto por ele, se realize, não será permanente, tão pouco estável.

### *Barrett e o Anarquismo*

Segundo Sánchez-Cabezudo, em 1908, Barrett se identifica explicitamente com o anarquismo. Assim, a proposta desta seção é observar como essa relação pode ser percebida em sua obra, tomando por base os autores já referenciados anteriormente. Contudo, antes de adentrar a questão em si, é importante traçar algumas considerações sobre o que é o anarquismo e como ele estava estabelecido no período.

Em sua obra *Utopias anarquistas*, Flávio Luizetto, apresenta três vertentes do anarquismo: a individualista; a coletivista e a socialista, subdividida em mutualista e a comunista (LUIZETTO, 1987, p. 11). Como o próprio autor diz: fora alguns assuntos (como a abolição do Estado, a valorização da individualidade e a importância da educação), “a pluralidade e a heterogeneidade de opiniões prevaleceu sobre a unanimidade” (LUIZETTO, 1987, p. 13). Portanto, antes de discutir o enquadramento de Barrett no anarquismo, é necessário, antes, entender, ao menos, algumas especificidades do próprio anarquismo. Neste sentido, observar-se-á as três formas de anarquismo apresentadas acima, como seus respectivos desdobramentos.

A primeira corrente a ser apresentada é a *individualistas*. Segundo a visão desta corrente, a obediência irrestrita à liberdade individual seria o maior princípio, a causa primeira do próprio movimento<sup>16</sup>. Para a perspectiva individualista é inconsequente “(...) defender a abolição da dominação exercida por uma classe social sobre toda a sociedade e propor, em troca, o império da sociedade sobre o indivíduo. Sacrificar a liberdade pessoal em nome dos interesses do Estado ou da sociedade dá no mesmo” (LUIZETTO, 1987, p. 19). Os grandes representantes deste movimento foram Stirner, na Europa e Warren, nos Estados Unidos.

Já o *mutualismo*, foi proposto por Joseph Proudhon<sup>17</sup>, francês nascido em 1809. Ele pode ser considerado, segundo Luizetto, um pensador intermediário, pois, malgrado considerar a importância do individualismo, não o leva ao extremo, como no caso de Warren e Stirner, aproximando-se, em certa medida, das propostas de socialistas de Bakunin (coletivista) e de Kropotkin (comunista). Para Proudhon, a implantação do modelo anarquista mutualistas:

(...) seria possível frutificar o princípio federativo, que, por um lado, seria capaz de evitar a atuação de forças centralizadoras, e, por outro, de neutralizar os excessos do individualismo extremado, com o que se multiplicaria a formação de associações de produtores livres e independentes, alianças de longa, média ou curta duração, conforme o desejo, necessidade ou conveniência das partes (LUIZETTO, 1987, p. 25).

Já a escola socialista do anarquismo, como já apresentado acima, se subdivide em duas propostas: a coletivista, encabeçada pelo discípulo e amigo de Proudhon, M. Bakunin<sup>18</sup>; e a socialista, liderada por Kropotkin. Para o primeiro, os pilares do anarquismo residiriam no federalismo, influência da proposta proudhoniana, e no coletivismo, fruto das teorias socialistas. Luizetto afirma que, a partir de Bakunin, a preocupação acerca da relação entre indivíduo e sociedade vai ser relegada ao segundo

plano, na medida em que as críticas passaram a ser voltadas ao Estado, “o maior inimigo dos indivíduos não é a sociedade [como afirmavam os individualistas], mas o Estado” (LUIZETTO, 1987, p. 31). Desta forma, é possível considerar que a proposta bakunista é um desdobramento da proposta proudhoniana.

Já no que diz respeito ao anarquismo comunista, também conhecido como comunismo libertário, representado por Kropotkin e, posteriormente, por Malatesta, pode-se dizer que suas grandes características residem, em primeiro lugar, no fato de que ele é um desdobramento do anarquismo coletivista bakunista, assim como o coletivismo é um desdobramento do mutualismo proudhoniano. Em seguida, pode-se destacar a especificidade desta corrente em relação à coletivista, pois, na medida em que Bakunin se opunha a ideia de comunismo, já que, para ele o comunismo representava a negação da liberdade individual, ao passo que para Kropotkin “(...) comunismo e anarquismo eram considerados fenômenos sociais que se completavam mutuamente e que se faziam mutuamente possíveis e aceitáveis” (LUIZETTO, 1987, p. 34).

A grande questão que parece circundar a proposta anarquista, malgrado suas especificidades parecer ser a formação de uma sociedade ácrata. As formas para a realização variam, ora se aceita um tipo de propriedade, ora se nega; ora se aceita uma forma de organização do trabalho, ora se propõe outra. O fato é que o anarquismo, principalmente no que se refere à sua participação na Primeira Internacional, parece ter sido fundamental para se refletir acerca das formas de organização da sociedade e, até mesmo, sobre a função do Estado nesse processo.

Para Barrett, em seu texto *Lo que son los yerbales*, é possível notar a arbitrariedade do Estado para com a população paraguaia que trabalha nos ervais. Talvez seja este o ponto que lhe aproximou do anarquismo, a compreensão de que o Estado está preocupado apenas com questões que lhes garantem a centralidade do poder e a manutenção dos interesses políticos e econômicos próprios.

Em um primeiro momento, se observamos os posicionamentos de Barrett, poder-se-ia, de imediato, associá-lo ao anarquismo bakunista, bastando para isso, ler seu texto *El dolor paraguayo*, no qual argumenta: “Nada hay, pues, que esperar de un Estado que restablece la esclavitud, con ella lucra y vende la justicia al menudeo” (BARRETT, 2010a, p. 314). Levando em consideração que é Bakunin quem traz ao primeiro plano o problema do Estado como tirano. Mas, para Sánchez-Cabezudo isso não seria correto. Para ele, “Barrett se inclina sensiblemente hacia el componente liberal presente en el pensamiento libertario” (SÁNCHEZ-CABEZUDO, s/d, s/p), ou seja, mais próximo da proposta de Kropotkin, ou seja, do comunismo libertário.

Mas o ponto que mais o identifica com o anarquismo, de fato, é sua oposição ao Estado, pois, para Luizetto, mesmo que o destaque principal dado ao Estado tenha se desencadeado propriamente com Bakunin, isso não quer dizer que não seja uma constante no pensamento anarquista em geral. Para Barrett, “El Estado roba con una mano y degüella con la otra” (BARRETT, 2010a, p.192).

Outro ponto interessante no pensamento barrettiano é sua visão do direito, que também evidencia sua aproximação com o anarquismo. Para ele o direito é visto de forma negativa, já que é uma formalização do uso do poder e a institucionalização da violência, no sentido de uma força coercitiva legítima e garantidora do *status quo*. Nessa linha de raciocínio é que Barrett indaga: “¿Qué es un derecho sino una concesión, un permiso de las bayonetas?” (BARRETT, 2010a, p. 183) e em outro momento afirma: “La justicia no está en la balanza, sino en la espada”. (BARRETT, 2010b, p. 434).

É nesse ponto onde coloca a problemática da relação entre violência, Estado e direito que, Barrett, classifica Tolstói de anarquista, no sentido de que se identifica com sua posição. Assim, afirma:

En Tolstói, el ascetismo estético se confunde con el ascetismo moral, el poeta con el profeta. Es el anarquista absoluto. La tierra para todos, mediante el amor; no resistir al mal; abolir la violencia; he aquí un sistema contrario a toda sociedad, a toda asociación, sindical o no, fines de políticos, porque toda ley, todo reglamento, toda forma permanente del derecho – derecho del burgués o derecho del proletario –, se funda en la violencia (BARRETT, 2010b, p 362).

Entretanto, mesmo com estes pontos que permitem identificar Barrett com o anarquismo, no coração da América Latina, Sánchez-Cabezudo alerta para o fato de que nem tudo em Barrett é anarquista. Para isso, apresenta quatro pontos que divergem da proposta anarquista, segundo ele:

a) El racionalismo, que para el anarquismo constituye un cimiento esencial que da sustento a esa especie de fervor hacia la razón e ‘la idea’; Barrett, en cambio, es un antirracionalista convencido y combativo; b) La bondad esencial de la naturaleza y de la propia condición humana, piedra fundamental en el edificio de la utopía anarquista y hacia la que Barrett se muestra profundamente escéptico; c) El materialismo positivista, que Barrett rechaza rotundamente desde su opción por una filosofía vitalista y espiritualista; d) La idea de progreso, artículo de fe para el pensamiento anarquista y hacia la que Barrett se manifiesta bastante crítico (SÁNCHEZ-CABEZUDO, s/d, s/p).

Com esta citação é possível perceber que o pensamento de Rafael Barrett apresenta certa singularidade. Como, por exemplo, o desvio que pode ser percebido em

relação às três vertentes do anarquismo, apresentadas acima. Ademais, vale observar que este trabalho estabeleceu como meta a apresentação de Rafael Barrett, de forma que há uma imensa gama de possibilidades a serem investigadas, entre elas, o possível diálogo entre as proposições barrettianas e os posicionamentos do anarquismo no Brasil e em outros países da América Latina, de forma a poder estabelecer, ao menos, um mapa das relações e das variantes deste movimento, além da possibilidade de estabelecer um diálogo com as manifestações da Primeira Internacional, como afirma Miguel Ángel Fernández:

El pensamiento y la prédica de Barrett constituyen aportes fundamentales en la historia de los movimientos sociales libertadores de nuestros países en al siglo XX, pero su lugar en la literatura [assim como nahistória] hispanoamericana, a nuestro juicio, no ha sido suficientemente destacado (FERNÁNDEZ, 1996, p. 30).

## Referências

- BODEI, Remo. **A história tem um sentido?**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- FERNÁNDEZ, Miguél Ángel. “Introducción”. In: BARRETT, Rafael. \_\_\_\_\_. **Germinal (antología)**. Edición: Miguél Ángel Fernández. disponível em: <http://www.librodot.com/uploads/DVD/barrett/geanba12.pdf> acesso 24 mar. 2015.
- FRAME, Scott MacDonald. “Uno fino velo negro: La muerte y los escritos de Rafael Barrett”. **Castilha: Estudios de literatura**. n° 21, 1996. p. 103-113.
- LUIZETTO, F. **As utopias anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MARTINEZ, Diego Alexandre Carneiro; SANTOS, Gustavo Felix dos. “Anarquismo no século XIX: Proudhon e Bakunin”. Disponível em: [http://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/10/Anarquismo\\_no\\_sec\\_XIX-Proudhon-e-Bakunin.pdf](http://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/10/Anarquismo_no_sec_XIX-Proudhon-e-Bakunin.pdf). Acesso em 24 mar. 2015.
- MILANI, Martinho Camargo. **Estado Livre do Congo: Imperialismo, Roedura Geopolítica (1885-1908)**. 2011, Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
- MOREIRA, Luiz Felipe Viel. “Historiadores e atores políticos: a historiografia paraguaia na era liberal (1904-1936)”. **Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC**. Belo Horizonte, 2000. p. 1-9.
- MUÑOS, Vladimiro. **Barrett**. Asunción, PY/ Montevideú, UY: Germinal, 1994.
- PEDRO, Felipe Corrêa. **Rediscutindo o Anarquismo: uma abordagem teórica**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- PRODHON, Joseph. **O que é a propriedade?**. Lisboa: Estampa, 1975.
- SÁNCHEZ-CABEZUDO, Francisco Corral. **Vida y pensamiento de Rafael Barrett**. 1991. Tese (Doctorado en Filosofía). Departamento de Filosofía III: Hermenéutica y Filosofía de la Historia de la Universidad Complutense de Madrid.
- \_\_\_\_\_. “Rafael Barrett: El hombre y su obra”. Disponível em: <http://www.inventati.org/ingobernables/textos/anarquistas/Instituto%20Cervantes%20%20Rafael%20Barrett,%20El%20Hombre%20Y%20Su%20Obra.htm>. Acesso em 24 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. “El pensamiento de Rafael Barrett un ‘joven del 98’ en el Río de la Plata”. **Revista de Hispanismo filosófico**. N° 3, 1998. p. 17-31.

\_\_\_\_\_. “Rafael Barrett ante la condición humana”. (2005) Disponível em: <http://www.ensayistas.org/critica/generales/C-H/paraguay/barrett.htm>. Acesso em 05 jan. 2015.

SANTOS, Karan Willian dos. “Apontamentos sobre a construção do internacionalismo anarquista e sua disseminação e caráter no sul global: o caso brasileiro em perspectiva”. **Instituto de Teoria e História do Anarquismo**. Disponível em: <https://ithanarquista.wordpress.com/2014/12/02/kauan-dos-santos-apontamentos-sobre-internacionalismo-anarquista/>. Acesso: 24 mar. 2015.

SOUZA, José Carlos de. **O Estado e a Sociedade no Paraguai durante o governo do partido Liberal (1904-1935)**. 2006. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista – UNESP.

TABANERA, José Manuel Gómez. “Joaquín Costa y los Idearios de la Llamada Generación del 98”. **Acta del XIII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas**. Tomo II 1998<sup>a</sup>.

THOMPSON. Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa: Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

## Fontes

BARRETT, Rafael. **Obras Completas**. Tomo I. Edición dirigida por Francisco Corral. Santander, Cantabria (España): Tantin, 2010a.

BARRETT, Rafael. **Obras Completas**. Tomo II. Edición dirigida por Francisco Corral. Santander, Cantabria (España): Tantin, 2010b.

---

\*Agradeço ao fomento da CAPES/Demanda Social, que financia esta pesquisa no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, no nível de doutorado.

<sup>1</sup>Neste ponto, é interessante considerar o conceito de classe utilizado por Thompson, em sua obra *A formação da classe operária inglesa*, na qual ele defende a historicidade de termo, na medida em que “A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus” (THOMPSON, 1987, p. 10); Vale, na mesma medida, considerar os movimentos organizados no final do século XIX, como a primeira Internacional, liderada por Karl Marx (1864-1876) e a segunda Internacional (1889-1914), guiada pelo marxismo.

<sup>2</sup> “Fue una época gloriosa de la prensa. El poder del periódico comenzó a ser decisivo: llegaba a un público suficientemente amplio y cualificado como para influir socialmente con el peso formidable, aunque intangible, de ‘la opinión’, un público, a la vez, lo suficientemente reducido (el mero hecho de la lectura descartaba ya a la mayor parte de la población) como para que en general siguieran siendo medios ‘elitistas’ donde publicaban las mejores firmas del momento. Toma cuerpo así la figura del ‘intelectual’, término que comienza a denominar quien, desde el análisis de la realidad social y la formulación de ideas, es capaz de actuar sobre esa misma realidad social mediante la creación de estados de opinión principalmente a través de la prensa” (SÁNCHEZ-CABEZUDO, 1998, p. 17).

<sup>3</sup>Malgrado não ser muito conhecido no Brasil, a importância de Barrett vem crescendo em algumas universidades na França e na Espanha: “Rafael Barrett, escritor de relatos, ensayista y filósofo prácticamente ignorado durante mucho tiempo, ha recuperado en los últimos años su merecido reconocimiento entre los estudios de la filosofía y la literatura de toda América y Europa. En las universidades de París, Salamanca y en la Complutense de Madrid, se han defendido varias tesis doctorales en las que se pone de manifiesto la importante contribución de Rafael Barrett a una amplia gama de disciplinas” (FRAME, 1996, p. 103).

<sup>4</sup> “El joven Rafael Barrett hace su entrada en la vida pública a golpe de escándalo. El 24 de abril de 1902 apalea públicamente al duque de Arión, en plena sesión de gala del circo de Parish. Toda la prensa de la

---

capital se hace eco de la noticia que constituyó un sonado escándalo entre la sociedad madrileña” (SANCHEZ-CABEZUDO, 2005).

<sup>5</sup> No ano de 1902, foi noticiado nos jornais madrilenos que Barrett havia se suicidado, contudo, ao que tudo indica, isso parece ter sido obra de interesses escusos, haja vista seus problemas com o duque de Arión, no mesmo ano.

<sup>6</sup> O jornal *El País*, de 26 de abril de 1902 noticiava: “Lamentable incidente. Anoche ocurrió en el Circo de Parish un lamentable incidente entre dos personas muy conocidas de la sociedad madrileña. Hallábase en un palco un duque, cuando se llegó a él un caballero recientemente descalificado por ciertas sospechas. El tribunal de honor que dictó la descalificación parece que había estado presidido por el aludido duque. Tras breves palabras, el caballero agredió al duque, causándole varias heridas en la cabeza y cara. “(apud SANCHEZ-CABEZUDO, 1991, p. 28-29).

<sup>7</sup> Revolução essa que tinha como objetivo derrubar o governo provisório do general Bernardino Caballero e instalar uma democracia liberal (MUÑOS, 1994, p. 26)

<sup>8</sup> SOUZA, José Carlos de. *O Estado e a Sociedade no Paraguai durante o governo do partido Liberal (1904-1935)*. 2006. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista – UNESP. p. 254-267.

<sup>9</sup> Por *Juventud del 98*, Sánchez-Cabezudo entende o “(...) amplio y variado espectro de los jóvenes con inquietudes artísticas e intelectuales que coinciden en el turbulento magma del final de siglo [XIX]. Si algún rasgo común caracterizó a aquellos jóvenes, fue la presencia de parecidas inquietudes como consecuencia de las transformaciones radicales que se produjeron en aquellos años de confusión. Conformaron así un agitado panorama humano, carente de estabilidad y de límites precisos, que se definió por debatirse a la búsqueda de orientación en el vórtice de la llamada ‘crisis de fin de siglo’” (SANCHEZ-CABEZUDO, 1998, p. 20).

<sup>10</sup> Sobre o assunto ver: TABANERA, José Manuel Gómez. “Joaquín Costa y los Idearios de la Llamada Generación del 98”. *Acta del XIII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Tomo II 1998<sup>a</sup>.

<sup>11</sup> “Rafael Barret [forma grafada pelo autor] foi expulso para o Brasil por Jara, o qual, em um embate frontal, ordenara que ele engolissem um panfleto que o criticava, com sal. Jaegli comenta esse fato dizendo que foi vergonhoso para Jara o que aconteceu, elogiando Barret como um bom escritor. Barret publicou, entre outros trabalhos, uma revista filosófica chamada *Germinal*, cujo conteúdo era alheio à política, mas, mesmo assim, não era bem visto pelos presidentes liberais” (SOUZA, 2006, p. 260).

<sup>12</sup> Sobre a escrita barrettiana, Sánchez-Cabezudo defende que: “En Barrett se conjugan, con rara y perfecta armonía, el vigor de la idea, la precisión del concepto, la belleza del estilo y la agudeza de una ironía demolidora” (SANCHEZ-CABEZUDO, 1991, p.15).

<sup>13</sup> O Congo africano foi alvo da ganância imperialista no fim do século XIX e início do século XX, ocupado e colonizado pela Bélgica, foi alvo de inúmeras atrocidades. Para maiores informações: MILANI, Martinho Camargo. *Estado Livre do Congo: Imperialismo, Roedura Geopolítica (1885-1908)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

<sup>14</sup> É interessante observar que esta postulação de Barrett, mesmo não dialogando, permite uma associação entre a teoria poética ricoeuriana, quando este aborda o conceito de metáfora viva como elemento importante no processo de composição literária, na medida em que inova e desautomatiza o texto literário. Sobre o assunto ver: RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2005.

<sup>15</sup> Feliz e bom são considerados, aqui, a partir do posicionamento de Aristóteles. Sobre o assunto ver: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paul-SP: Martin Claret, 2010.

<sup>16</sup> Para o anarquismo individualista: “(...) não é o indivíduo que deve adaptar-se à sociedade, mas a sociedade que deve moldar-se ao indivíduo. (...) Com uma breve e simples sentença, consagrou-se, dessa maneira, uma doutrina: a do egoísmo” (LUIZETTO, 1987, p. 16).

<sup>17</sup> Uma das grandes problemáticas da proposta de Proudhon é a propriedade. Contudo, esse não é o foco deste trabalho, de forma, sobre o assunto ver: LUIZETTO, F. *As utopias anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 25-27. Assim, como a própria obra do autor: PRODHON, Joseph. *O que é a propriedade?*. Lisboa: Estampa, 1975.

<sup>18</sup> É importante considerar que para Samis “(...) tanto o mutualismo quanto o coletivismo constituíam-se em formas históricas específicas de uma mesma tradição antiautoritária e federalista” (SAMIS apud PEDRO, 2012, p. 122).

Artigo recebido em: 24/06/2015. Aprovado em: 31/10/2015.